

RICHARD RUSSO

UM VERÃO MÁGICO EM CAPE COD

Tradução de Vasco Gato

Um sítio melhor

Embora o relógio digital na mesa de cabeceira do seu quarto de hotel indicasse 5h17, Jack Griffin, subitamente desperto, percebeu que não seria capaz de retomar o sono. Adormecera demasiado cedo na noite anterior. Ali, prostrado aos pés da vigília, invadia-o a desagradável percepção de que aquilo que ontem não quisera admitir, nem sequer a si mesmo, se apresentava agora com enorme clareza na escuridão solitária que antecede a madrugada. Deveria ter engolido o seu orgulho e esperado mais um dia por Joy.

Partilhavam o hábito, já instituído, de fugir do *campus* universitário mal Griffin terminava de dar a sua última aula. Normalmente, apanhavam a «Senda da Liberdade» (a alcunha que ele pusera à I-95), viajavam até Nova Iorque e mimavam-se num bom hotel. Durante o dia, Griffin avaliava a pequena montanha de portefólios dos seus alunos enquanto Joy fazia compras ou se entretinha noutras coisas, e depois, à noite, encontravam-se para ir ao cinema ou a um restaurante. Tudo aquilo lhe trazia à memória os primeiros anos do seu casamento, passados em Los Angeles. Ficava-lhes numa pequena fortuna, mas gastar dinheiro que na realidade não tinham deixava-o inexplicavelmente otimista em relação à entrada de mais dinheiro – tinha sido assim em Los Angeles – e era isso que lhe dava ânimo para examinar os portefólios.

O casamento de Kelsey naquele ano, em Cape Cod, lixara-lhes supinamente os planos, tornando impraticável uma ida a Nova Iorque, embora Griffin tivesse tido vontade de a substituir por Boston. Joy, todavia, presumindo que graças ao casamento a escapadela do costume teria de ser cancelada, complicara ainda mais as coisas ao marcar reuniões para o dia seguinte às aulas terminarem.

– Vai tu então – disse ela quando Griffin manifestou a sua irritação pelo pé em que as coisas estavam.

– Vai lá fazer a tua noite masculina em Boston e eu vou ter contigo a Cape Cod. – Ele franzira o sobrolho perante aquela proposta. Não seria necessário mais do que um macho para poder haver uma noite masculina? Ou estaria Joy a falar no singular, um macho a celebrar a sua natureza de macho? Teria ela entendido sempre assim a expressão, no singular? A relação de Joy com a língua não era isenta de equívocos. Passava a vida a confundir metáforas, alegando que alguém «tinha metido a pata na seara alheia». A foice em seara alheia? A pata na poça? As suas irmãs, Jane e June, ainda eram piores, e, sempre que corrigidas, as três semicerravam perigosa e identicamente os olhos. Se naquela família houvesse um lema, haveria de ser: Tu Sabes Muito Bem O Que Eu Quero Dizer.

Seja como for, a sugestão da sua mulher, que ele fosse sem ela, não lhe tinha parecido nada sincera, motivo pelo qual Griffin decidiu desarmá-la.

– Está bem – disse ele –, é isso mesmo que eu vou fazer – na esperança de que ela respondesse, *Pronto, se é assim tão importante para ti eu marco as reuniões para outro dia*. Mas ela não disse tal coisa, nem sequer ao vê-lo a fazer a mala, e foi deste modo que ele descobriu uma verdade que talvez outros homens já soubessem – que assim que fazemos a mala diante de uma mulher não há a mínima hipótese de a desfazermos, ou de *não* irmos com a nossa mala feita atrás.

Pior ainda, Joy, que preferia ver filmes em DVD a ir ao cinema, que é como se deve ver um filme, entregara-lhe uma lista de filmes que ele estava proibido de ver sem ela, e claro que esses eram os únicos interessantes. Griffin passara uma hora a percorrer os guias de restaurantes disponíveis no hotel, sem conseguir decidir-se por um ou sequer pelo tipo de comida que lhe estava a apeteecer. Não sentia a menor

dificuldade em tomar este tipo de decisões quando ela estava por perto, mas por algum motivo, quando ficava sozinho, era frequente não conseguir decidir-se. Dissera a si mesmo que era o resultado de trinta e quatro anos de casado, que parte do processo de tomada de decisão consistia em imaginar o que agradaria à sua mulher. Enfim, a verdade é que se sentia cada vez mais desnorteado, naquele quarto de hotel, e apercebeu-se de que essa tinha sido, como é óbvio, a pose clássica do seu pai. Acabou por pedir comida pelo *room service* e ficar a ver um filme manhoso, propositadamente feito para passar na televisão, do género dos que ele e Tommy, o seu ex-sócio, se tinham visto obrigados a escrever nos últimos anos em Los Angeles, antes de ele ter conseguido trabalho como professor e ter regressado à Costa Leste com Joy e Laura, a filha de ambos. Adormecera antes ainda do primeiro intervalo, confiante de que seria capaz de prever não só o desfecho do filme como também metade dos diálogos.

Tentando não reincidir nos erros da jornada anterior, Griffin decidiu dar início ao dia com um telefonema ao chefe de portaria para que preparassem o seu carro. Vinte minutos depois, vestido e de banho tomado, já tinha feito o *checkout* do hotel em Back Bay¹. Boston inteira cabia perfeitamente no retângulo do seu espelho retrovisor, e no momento em que a Ponte de Sagamore, uma das duas pontes que se estendiam sobre o canal de Cape Cod, se içou diante dos seus olhos, com o céu prateado a oriente, Griffin sentiu os últimos resquícios das hesitações do dia anterior começarem a dissipar-se como o nevoeiro desigual em que tinha entrado e saído desde que abandonara a cidade. A meio, a Ponte de Sagamore arqueava-se drasticamente para cima, proporcionando a visão do sol para lá do horizonte, e embora o ar estivesse realmente frio Griffin encostou à faixa de emergência para recolher a capota, sabendo-se verdadeiramente a pisar o risco pela primeira vez desde que deixara para trás a sua casa no Connecticut. Sentia um vago entusiasmo por não estar onde a mulher achava que ele estava. Ela adorava saber o que toda a gente andava a fazer, não apenas ele. Quase todas as manhãs ligava a Laura, com o cérebro ainda dormente, para lhe perguntar «Então... o que é que tens programado

¹ Bairro de Boston. (N. do T.)

para hoje?» Também telefonava às duas irmãs várias vezes por semana e sabia quando June ia arranjar o cabelo no dia seguinte de manhã e quando Jane tinha ganho três quilos e ia começar uma dieta. Sabia até em que nova alhada os idiotas dos seus irmãos gémeos, Jared e Jason, andavam metidos. Para Griffin, filho único, tal comportamento situava-se bem para lá da linha que separa o meramente inexplicável do verdadeiramente transviado.

Enquanto avançava a todo o gás pela Estrada 6, Griffin deu por si a trautear «That Old Black Magic²», a canção que os seus pais cantavam de forma irónica – sendo ambos professores universitários de Inglês, era assim que faziam a maior parte das coisas – sempre que atravessavam a Ponte de Sagamore, colocando *Cape*³ no lugar de *black*. Durante a sua infância, era costume passarem parte do verão naquele cabo. Griffin conseguia perceber se o ano tinha sido bom em termos monetários, pelo sítio e pelo tempo que ficavam. Num ano particularmente próspero, chegaram a alugar uma pequena casa em Chatham durante o mês de agosto. Num outro ano, em que os salários da faculdade foram congelados, o único alojamento que puderam pagar foi em Sandwich, em junho. Mais do que um com o outro, os seus pais estavam casados com o queixume que partilhavam nos onze meses por ano passados em exílio na «merda do Midwest», expressão mais cuspidada do que dita. Possuíam ambos boas carreiras académicas, ainda que porventura não tão fulgurantes quanto as previsões iniciais pareciam ter apontado, atendendo ao prestígio das universidades onde se formaram. Ambos tinham crescido na cintura metalúrgica a oeste do estado de Nova Iorque, a mãe nos subúrbios de Rochester, o pai em Buffalo, tanto um como o outro filhos de empregados de escritório da classe média-baixa. Em Cornell, para onde se mudaram com uma bolsa, não só se tinham conhecido como também fizeram amigos que os convidavam para passar os feriados nas suas casas em Wellesley e Westchester, bem como férias de verão na zona dos Hamptons ou em Cape Cod. Disseram aos seus pais que ali poderiam ganhar mais dinheiro, o que era verdade, mas na realidade estavam dispostos a fazer

² «Aquela Velha Magia Negra», em português. (*N. do T.*)

³ Cabo, em português, relativo a Cape Cod. (*N. do T.*)

o que fosse preciso para evitar um regresso às deprimentes casas paternas. Em Yale, onde fizeram a pós-graduação, chegaram a acreditar que lhes estavam destinadas vagas de investigação numa das outras universidades de excelência, pelo menos até o mercado de professores académicos se ter deslocado para sul e eles terem tido de aceitar o que havia (sendo ainda em menor número as alternativas para um casal): duas vagas numa enorme universidade estadual no Indiana.

Traídos. Era assim que se sentiam. Para quê andar em Cornell, em Yale, se a recompensa ia ser o Indiana? Não tiveram outra hipótese senão aceitar e tirar o máximo partido daquela época desgraçada, pelo que se dedicaram a fundo a dar aulas, a fazer investigação e a comparecer às reuniões do conselho, na esperança de potenciar o seu currículo para que, assim que os ventos académicos mudassem, estivessem preparados. Receavam que as oportunidades para Princeton e Dartmouth já tivessem passado de vez, mas ainda sobriariam as Swarthmores e Vassars deste mundo enquanto portos seguros, senão mesmo tremendamente empolgantes. Certamente que isso, pelo menos, lhes estaria reservado. E, antes ainda de conseguirem colocação como professores efetivos na merda do Midwest, ambos tiveram a sua oportunidade – ela em Amherst, ele em Bowdoin – embora nunca juntos. De maneira que permaneceram quietinhos nos seus trabalhos e no seu casamento, cada um deles aterrorizado, suspeitava agora Griffin, com a possibilidade de que o outro, desagrilhoado, acabasse por escapulir-se e conseguir o tipo de posição académica (professor convidado!) que haveria de rematar a desventura daquele que se visse votado ao abandono. Para melhor tolerarem essas circunstâncias infelizes, foram tendo casos e fingindo ficar profundamente magoados com a revelação dos mesmos. O pai tinha sido um verdadeiro adúltero em série, ao passo que a mãe simplesmente se recusava a ficar para trás nesse ou em qualquer outro aspeto.

Claro que tudo isso era um entendimento entre adultos. Em pequeno, como testemunha contrariada da profusão de discussões e recriminações entre os pais, Griffin imaginara que eles se mantinham juntos por sua causa. Foi a mãe quem acabou por o desenganar. No copo-d'água do seu casamento com Joy, aliás. Por essa altura, já eles se tinham finalmente divorciado – aparentemente, nem mesmo o rancor

era eterno – e ela vencera à justa a corrida a um novo casamento. Com espírito ecuménico, a mãe de Griffin aventurara-se fora do departamento de Inglês para encontrar o seu segundo marido, um filósofo chamado Bart, a quem ela rapidamente pôs a alcunha de «Bartleby». No copo-d'água, já um pouco embriagada, ela garantira a Griffin:

– Por amor de Deus, não, não foste *tu*. Aquilo que nos manteve juntos foi «That Old Cape Magic». Lembras-te de que costumávamos cantar essa canção todos os anos na Ponte de Sagamore? – Voltou-se então para *Bartleby*. – Um glorioso mês, todos os verões – explicou. – Sol. Areia. Água. *Gin*. Ao qual se seguiam onze meses de infelicidade. – E dirigindo-se de novo para Griffin: – Mas isso é a coisa mais corriqueira na maior parte dos casamentos, como julgo que virás a descobrir.

A intenção daquele *como julgo que virás a descobrir*, entendeu ele, era naturalmente sugerir que, na perspetiva da mãe, a aritmética conjugal de Griffin iria provavelmente ser a mesma. Por instantes, teve a sensação de que *Bartleby* ia fazer uma observação, mas terá preferido manter-se calado, embora tivesse suspirado significativamente.

Griffin estava prestes a reagir quando o pai reapareceu com Claudia, sua antiga aluna da pós-graduação e nova mulher. Tinham desaparecido por breves momentos após a cerimónia, para discutir ou fazer amor, Griffin não fazia ideia.

– Juro por Deus – disse a mãe –, se ele compra àquela miúda uma casa em Cape Cod, *em qualquer sítio* de Cape Cod, acho que vou ter de o assassinar. – O rosto dela iluminou-se com aquele pensamento agradável. – Pode ser que até venhas a revelar-te útil – disse ela a *Bartleby*, voltando-se depois para Griffin. – O teu padrasto coleciona literatura policial sobre assassinios misteriosos. Morte por curare e coisas do género. És capaz de sacar um coelho da cartola, não és? Certifica-te apenas de que eu esteja à vista de toda a gente, quando a vaca gorda for ao tapete, a contorcer-se com dores lancinantes.

Ela sabia muito bem, como é óbvio, que o pai de Griffin não tinha dinheiro para oferecer uma casa em Cape Cod a Claudia (que era mais rechonchuda do que gorda) ou a quem quer que fosse. Garantira isso ao esmifrá-lo no acordo de divórcio, embora tal possibilidade – e se ele ganhasse a lotaria? – claramente ainda representasse para ela uma preocupação.

Para Griffin, agora com cinquenta e sete anos, sensivelmente a idade dos pais quando ele e Joy se casaram, os topónimos de Cape Cod conservavam a sua magia: Falmouth, Woods Hole, Barnstable, Dennis, Orleans, Harwich. Sentia-se novamente um miúdo no banco de trás do carro dos pais, onde passara grande parte da infância, sem cinto, pendurado no banco da frente, procurando ouvir de que é que eles, que nunca faziam tenção de o incluir nas suas conversas, estavam a falar. Mais do que interesse nas conversas do banco da frente, Griffin tinha a consciência de que estavam ali a ser tomadas decisões que teriam um impacto na sua vida, e, se estivesse a par desse planos em eclosão, talvez pudesse ter voto na matéria. Infelizmente, o facto de o seu queixo repousar nas costas do assento parecia impedir tal coisa. A maior parte do que ouvia também não justificava o esforço. «Wellfleet», dizia a mãe, estudando o mapa das estradas. «Porque é que nunca experimentámos Wellfleet?» Quando Griffin entrou para a escola secundária, o que marcaria as últimas férias em Cape Cod, já eles tinham alugado casas em praticamente todos os sítios. Ao entregarem as chaves no final da estadia, o agente imobiliário perguntava-lhes sempre se queriam fazer uma reserva para o ano seguinte, mas eles diziam sempre que não, o que levava Griffin a interrogar-se se existiria realmente esse local perfeito de que eles andavam à procura. Talvez, concluiu ele, a busca fosse suficiente em si mesma.

Enquanto Griffin vagueava pela praia sozinho, cheio de energia juvenil e sensação de liberdade, os pais passavam as tardes soalheiras deitados na areia com os seus «prazeres secretos», livros que lhes causariam embaraço se tivessem de admitir perante os colegas que já tinham ouvido falar deles. Estavam de férias, reivindicavam, não só da merda do Midwest como também do cânone literário que tinham jurado defender. O gosto da mãe voltava-se para obscuras e perturbantes histórias de terror, para além de romances de espionagem com um toque de cinismo. «Isto», dizia ela, ao virar a última página do livro com evidente satisfação, «é que foi uma reviravolta». O pai alternava entre a pornografia literária e P.G. Wodehouse, deleitando-se profusamente com ambos, como se *Festim Nu* e *O Código dos Wooster* fossem complementos um do outro.

A única coisa que ambos liam – que estudavam, aliás, tão afinadamente como as listagens anuais de empregos da Associação de Línguas Modernas – era o suplemento imobiliário. Avessos a conceder ao outro uma primeira olhadela, pegavam sempre em dois exemplares assim que chegavam e escreviam nas capas os seus nomes de maneira a saberem qual era qual e de quem seria a culpa se um dos suplementos se perdesse. Uma casa em Cape Cod fazia parte do seu plano a longo prazo para fugir da merda do Midwest. Primeiro, teriam de encontrar empregos a sério na Costa Leste, onde arranjariam um apartamento adequado para arrendar. Isso permitir-lhes-ia poupar dinheiro para uma casa em Cape Cod, onde passariam os verões, as férias e um ou outro fim de semana prolongado, até naturalmente se reformarem – mais cedo se tal se proporcionasse – mudando-se para ali a tempo inteiro, para ler e escrever artigos de opinião e, quem sabe, talvez até tentar a sorte num romance.

Normalmente, um único dia bastava para que cada um deles passasse a pente fino as centenas de anúncios, encaixando cada um deles numa de duas categorias – Fora do Orçamento ou Nem Como Prenda – antes de colocarem a publicação de parte com um ar repugnado, pois tudo estava mais caro nesse ano do que no anterior. Porém, no dia seguinte, o pai punha de lado as histórias de Jeeves para dar mais uma olhadela. «Página vinte sete», dizia ele, e a mãe de Griffin pou-sava o seu Ripley e revirava o saco de praia em busca do seu exemplar. «Tem lá paciência», prosseguia ele. Ou «Seria preciso que qualquer coisa acontecesse» – referindo-se a um prémio de reconhecimento no salário ou a um novo contrato para um livro académico – «mas...» E depois punha-se a explicar o motivo por que alguns dos anúncios que no dia anterior tinham rapidamente descartado talvez pudessem ser plausíveis. Nos últimos dias, em especial num dia chuvoso, chegavam ao ponto em que iam ver uma ou duas casas do fundo da categoria Fora do Orçamento, embora os agentes imobiliários intuissem sempre num ápice que os pais de Griffin não passavam de empatas. A casa que pretendiam situava-se num futuro que só eles conseguiam ver. O pai gostava de observar que, para pessoas que em grande parte lidavam com sonhos, os agentes imobiliários eram uma corja

surpreendentemente pouco romântica, um pouco como os contadores de cartas num casino de Las Vegas.

A viagem de regresso à merda do Midwest era sempre terrível, os pais mal falavam um com o outro, como se subitamente imersos na recordação das infidelidades do ano transato, ou como se porventura equacionassem com quem iriam contentar-se nesse ano. O sexo, tomando como exemplo os pais de Griffin, estava definitivamente atrás em relação ao imobiliário na escala da paixão.